

Semiótica do Guardiã: uma análise arquetípica do Cavaleiro de Ouro de Touro, de CDZ

*Semiotics of the Guardian: an archetypal analysis of the Golden Knight of Taurus, by
CDZ*

Thiago Barbosa Soares¹

Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional – Tocantins (TO), Brasil

Resumo: Este artigo propõe uma análise da personagem Aldebaran de Touro, da série *Os Cavaleiros do Zodíaco* (Kurumada, 1986), sob a ótica da semiótica arquetípica, com o objetivo de evidenciar sua complexidade simbólica para além do papel de antagonista episódico. Inserido no contexto das narrativas midiáticas japonesas que marcaram o Brasil nos anos 1990, o estudo busca compreender como essa figura ressoa culturalmente em meio a tensões sociais e subjetivas daquele período. A metodologia adotada articula o modelo das quatro necessidades arquetípicas de Mark e Pearson (2003) – estabilidade, pertencimento, independência e domínio – com contribuições teóricas de Soares (2020, 2021a, 2021b, 2023), além da teoria das fases narrativas (Platão; Fiorin, 1993) e da jornada do herói (Campbell, 2007; Vogler, 2006). Os resultados indicam que Aldebaran atua como operador de transformação narrativa e limiar simbólico, incorporando contradições humanas universais. Sua construção reúne signos visuais, mitológicos e éticos que o elevam à condição de arquétipo cultural. Conclui-se que o personagem condensa tensões entre tradição e mudança, dever coletivo e ética pessoal, funcionando como espelho dos dilemas vividos por uma geração em crise identitária e institucional, o que o posiciona como figura emblemática da cultura pop brasileira.

Palavras-chave: Arquétipo. Semiótica. Guardiã. Animação. Cavaleiros do Zodíaco.

Abstract: This article offers an analysis of the character Aldebaran of Taurus from the series *Saint Seiya* (Kurumada, 1986) through the lens of archetypal semiotics, aiming to highlight his symbolic complexity beyond the role of a mere antagonist. Framed within the context of Japanese media narratives that shaped Brazilian youth in the 1990s, the study seeks to understand how this figure culturally resonates amidst social and subjective tensions of that period. The methodology combines the model of the four archetypal needs proposed by Mark and Pearson (2003) — stability, belonging, independence, and mastery — with theoretical contributions from Soares (2020,

¹ Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor adjunto no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Pesquisador bolsista de produtividade do CNPq. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8919327601287308>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2887-1302>. Email: thiago.soares@mail.uft.edu.br.

2021a, 2021b, 2023), as well as the theory of narrative phases (Plato; Fiorin, 1993) and the hero's journey (Campbell, 2007; Vogler, 2006). The results indicate that Aldebaran functions as both a narrative operator of transformation and a symbolic threshold, embodying universal human contradictions. His construction unites visual, mythological, and ethical signs that elevate him to the status of a cultural archetype. The study concludes that the character condenses tensions between tradition and change, collective duty and personal ethics, serving as a mirror for the dilemmas faced by a generation undergoing institutional and identity crises, thereby positioning him as an emblematic figure in Brazilian pop culture.

Keywords: Archetype. Semiotics. Guardian. Animation. Saint Seiya.

Considerações iniciais

Quantas contribuições têm-se dos animes e desenhos animados? As produções animadas, desde seu início, contribuíram para povoar o universo imaginário da população, não apenas daquela parcela que lhes assistiam (que ainda lhes assistem), mas, de maneira indireta, de praticamente toda a sociedade. Mais do que mero entretenimento efêmero, os animes e desenhos animados inscreveram-se como arquitetos de um imaginário coletivo, transcendendo as fronteiras de seu público imediato para infiltrar-se na própria ossatura simbólica das sociedades.

Como observaria Benjamin (2012) em sua reflexão sobre a reprodutibilidade técnica da arte, o desenho animado — hibridizando lirismo e industrialização — tornou-se um espelho caleidoscópico de anseios e contradições humanas, um fenômeno estético que não apenas reflete, mas *fabrica* mitologias contemporâneas. Não por acaso, a psicanálise junguiana encontra em ícones como *Astro Boy* ou *Sailor Moon* arquétipos renovados, enquanto a filosofia pós-moderna decifra em *Neon Genesis Evangelion* ou *Rick and Morty* metanarrativas sobre a angústia existencial em eras de liquefação dos valores. A contribuição dessas produções, portanto, não se resume à esfera do lazer, mas consolida-se como um diálogo polifônico entre tradição e vanguarda, local e global, inocência e crítica, tecendo, fio a fio, os próprios códigos que definem o que significa habitar um mundo cada vez mais mediado por imagens em movimento.

Nas palavras de Durand (2002), ao estudar as estruturas antropológicas do imaginário, a animação tornou-se um “sistema nervoso cultural”, transmitindo pulsões estéticas e ideológicas que, mesmo para quem jamais assistiu a um episódio, ecoam

em publicidades, modas, gestualidades e até nas estruturas linguísticas; prova irrefutável de que um desenho animado jamais é *apenas* um desenho. No crepúsculo do século XX, o Brasil testemunhou um fenômeno midiático singular com a chegada de *Cavaleiros do Zodíaco* (1986) — ou *Saint Seiya*, no original —, série que redefiniu a relação do público jovem com narrativas animadas ao amalgamar mitologias transplantadas e arquétipos universais sob uma estética dramática sem precedentes.

Transmitida pela Rede Manchete em 1994, em um contexto pós-abertura democrática e de efervescência cultural, a obra de Masami Kurumada (1986) operou uma ressignificação do imaginário heroico ao apresentar cavaleiros como entidades híbridas: metade guerreiros cósmicos, metade alegorias de virtudes estoicas, ancoradas na simbologia astrológica ocidental e em preceitos orientais. Como analisa Nakamura (2005), a apropriação brasileira da série transcendeu o consumo passivo, convertendo-se em um *rito de passagem geracional*, no qual figuras como Seiya de Pégaso e Ikki de Fênix encarnavam não apenas arquétipos junguianos de jornada do herói (JUNG, 2018), mas também espelhavam contradições de uma juventude em busca de identidade em meio à globalização acelerada.

Diante do que foi dito, este artigo objetiva analisar, sob a perspectiva da semiótica arquetípica, o arquétipo do guardião presente na personagem Aldebaran, cavaleiro de ouro de Touro, da série animada *Os Cavaleiros do Zodíaco* (Kurumada, 1986) – a abreviação aqui usada será CDZ. Para alcançar tal propositura, segue-se o traçado metodológico-heurístico da semiótica arquetípica desenvolvido por Soares (2020, 2021a, 2021b, 2023). Portanto, em vista da organização arquitetônica deste texto, três seções são subsequentemente abertas, além destas **Considerações iniciais**, uma primeira, **A semiose (narrativa) do arquétipo de Aldebaran de Touro**, na qual se descreve e interpreta a disposição semiótica de Aldebaran à luz do funcionamento arquétipo do guardião, consoante às quatro fases constituintes da narrativa (Platão; Fiorin, 1993). A segunda, **A semiótica das necessidades básicas no guardião de Touro em CDZ**, na qual a relação entre os quatro pontos das necessidades básicas de constituição arquetípica (Mark; Pearson, 2003) demonstra a narratividade semiótica de Aldebaran. A última, **Considerações finais**, na qual há uma avaliação das possíveis contribuições oriundas do exame empreendido.

A semiose (narrativa) do arquétipo de Aldebaran de Touro

No universo simbólico e narrativo de *Cavaleiros do Zodíaco* (1986), a figura de Aldebaran de Touro, um dos doze Cavaleiros de Ouro, inscreve-se como uma semiose densa e multifacetada, na qual o arquétipo do guardião é desdobrado em camadas estruturais, simbólicas e mitológicas. Tal personagem, dotado de uma presença física monumental – cuja altura imponente e armadura dourada resplandecente são signos de poder e estabilidade –, encarna o limiar da provação heroica, funcionando como figura de transição entre a banalidade do início e a transcendência do destino. Sua participação na trama ultrapassa o estatuto de obstáculo para configurar-se como catalisador da passagem, conforme delineado por diversas teorias da narrativa clássica, entre as quais se destacam os trabalhos de Joseph Campbell (2007), Christopher Vogler (2006) e a análise das fases narrativas segundo Platão e Fiorin (1993). Analisar Aldebaran sob essas lentes teóricas revela não apenas seu papel funcional na progressão do enredo, mas, sobretudo, sua densidade simbólica enquanto mediador do sagrado e agente de transformação.

De acordo com Campbell, o guardião do limiar constitui um momento crucial da *monomyth*², surgindo no estágio denominado “Aproximação do covil mais secreto”. É ali que o herói se defronta com figuras que não visam aniquilá-lo, mas prová-lo, testando a autenticidade de sua vocação e a firmeza de sua determinação. Aldebaran, posicionado como defensor do segundo templo zodiacal, realiza essa função de maneira emblemática. Seu corpo colossal e o Cosmo que emana da constelação de Touro o constituem como manifestação do sagrado terreno, do poder que ancora e protege. No entanto, sua atuação se revela marcada por uma nobreza que rompe com o binarismo herói/inimigo: ao poupar Seiya, reconhecendo-lhe a coragem, afirma que “um Cavaleiro não golpeia quem está caído”, demonstrando uma dimensão iniciática. Em vez de ser o algoz que impede, torna-se o sábio que legitima, o guardião benevolente que, ao invés de barrar, investe o herói com novo sentido e força, preparando-o para provações mais profundas.

² O monomito (ou “jornada do herói”) é um conceito teórico desenvolvido pelo mitólogo Joseph Campbell (2007), que descreve um padrão narrativo universal presente em mitos, religiões e histórias de diversas culturas.

Essa ambiguidade funcional encontra eco na reelaboração de Vogler (2006), para quem o guardião configura um “arquetipo de sombra”, projetando no herói os obstáculos interiores que esse precisa superar. Contudo, Aldebaran subverte também essa categorização simplista, pois suas ações, longe de emanar de qualquer pulsão maligna, são motivadas por lealdade institucional, à deusa Atena e ao Grande Mestre, evidenciando o conflito entre ética pessoal e dever hierárquico. Essa tensão moral inscreve o personagem em uma zona híbrida entre o mentor e o antagonista, atribuindo-lhe um lugar de alteridade que instiga e transforma. Sua posterior morte, em combate contra os espectros de Hades, reforça ainda mais sua função sacrificial: o guardião, ao cumprir sua missão de provar e preparar os heróis, desaparece da cena, abrindo caminho para o advento da nova ordem.

No plano da estrutura narrativa, a teoria das fases, tal como proposta por Platão Fiorin (1993), permite perceber que Aldebaran ocupa o espaço da complicação: um momento de intensificação da tensão, quando os caminhos fáceis são obliterados e a narrativa se curva sobre si mesma. Sua batalha contra Seiya, longe de ser mero episódio de ação, representa uma inflexão estrutural, cujo clímax se dá não apenas na superação física, mas na fratura simbólica da hierarquia representada por sua armadura. Esta, ao ser destruída, torna-se signo de um colapso necessário: a derrocada do poder estabelecido diante do despertar do “sétimo sentido”, isto é, da consciência superior que habilita os heróis ao sagrado. Assim, Aldebaran não se apresenta como contingência narrativa, mas como elemento programático do percurso iniciático, instaurando a ruptura como condição da passagem.

Sob o ponto de vista da semiose, Aldebaran é tecido por um conjunto articulado de signos que reforçam sua condição arquetípica. Visualmente, sua armadura dourada, associada à constelação de Touro e, por extensão, ao elemento terra, evoca estabilidade, resistência e força bruta, enquanto o ouro aponta para a sacralidade, a luz divina que resguarda o mundo espiritual. Em termos comportamentais, sua fala comedida e sua postura impassível (como exemplificado pela sentença “Atravesse meu eixo se for capaz”) projetam invulnerabilidade e autocontrole, ao passo que seu código de honra revela um traço de humanidade que desestabiliza a rigidez esperada de um guardião. Já em sua dimensão mitológica, a referência à constelação de Touro invoca o mito do Minotauro, guardião do labirinto cretense, criatura meio homem, meio besta, cuja violência é mitigada por uma forma trágica de interioridade. Assim,

Aldebaran é a expressão de uma dualidade: força e compaixão, bestialidade e razão, barreira e passagem.

Portanto, Aldebaran de Touro é muito mais que um personagem coadjuvante ou uma etapa no caminho dos heróis. Ele é um operador simbólico, um espelho no qual se reflete a dialética da jornada e a possibilidade de transformação. Ao encarnar simultaneamente a tradição e o rito de sua superação, ele se configura como um paradigma do arquétipo do guardião enquanto mediador entre mundos: entre o conhecido e o desconhecido, entre a infância mítica dos cavaleiros de bronze e a maturidade espiritual à qual aspiram. Sua presença na narrativa é, portanto, um lembrete de que o verdadeiro obstáculo não reside no outro, mas naquilo que ainda não se despertou dentro de si, que todo guardião, por mais impenetrável que pareça, é também um mestre oculto, depositário da chave que abre os portais da consciência.

A semiótica das necessidades básicas no guardião de Touro em CDZ

No universo simbólico de *Cavaleiros do Zodíaco* (1986), a figura de Aldebaran de Touro, guardião do segundo templo, materializa uma complexa semiótica das necessidades humanas fundamentais, funcionando como arquétipo liminar entre ordem e caos, permanência e transformação. Sua constituição narrativa não se limita à função diegética de obstáculo a ser superado pelos heróis, mas se projeta como figura estruturante, cujos signos, visuais, éticos e míticos, dão corpo a um arquétipo profundo. A partir do modelo das quatro necessidades arquetípicas proposto por Mark e Pearson (2003), estabilidade, pertencimento, independência e domínio, e articulando com as contribuições de Soares (2020, 2021a, 2021b, 2023) sobre semiótica e narratividade midiática, é possível compreender Aldebaran não apenas como personagem, mas como condensador simbólico de tensões humanas universais.

A primeira dessas necessidades, a da **estabilidade**, manifesta-se no arquétipo do guardião como âncora simbólica do status quo. Em Aldebaran, essa função se expressa de maneira contundente: sua armadura dourada, vinculada à constelação de Touro, remete ao elemento terra e, portanto, à solidez, à resistência e à permanência. Sua postura imóvel no templo e sua fala icônica, “Atravesse minha casa se for capaz”, não se restringem ao plano diegético da bravata, mas inscrevem-se

como performatividade semiótica da imobilidade como valor estruturante. Como observa Soares (2021a), nas narrativas heroicas, a semiótica do “fixo” exerce o papel de contraponto simbólico à dinâmica da jornada do herói, criando um ponto de condensação narrativa onde a tensão entre movimento e permanência se resolve momentaneamente. Assim, Aldebaran, como figura imóvel, sustenta o espaço como símbolo de estabilidade anterior à metamorfose.

A segunda necessidade, a do **pertencimento**, articula-se à identidade coletiva e à lealdade institucional. Aldebaran pertence à elite dos Cavaleiros de Ouro, constituída como casta divina, nos termos de Soares (2020), submetida à deusa Atena e ao Grande Mestre. Sua identidade é, portanto, forjada na obediência e no lugar que ocupa na ordem cósmica do Santuário. Todavia, tal pertencimento revela-se poroso: ao poupar Seiya, reconhecendo em seu gesto de coragem um valor que transcende as normativas institucionais, Aldebaran tensiona os limites do pertencimento arquetípico. Esse gesto, que Soares (2021b) interpreta como ato semiótico de ruptura controlada, revela que a fidelidade do guardião não é cega, mas modulada por um juízo ético pessoal. A lealdade, aqui, torna-se dialógica: um pertencimento que se inscreve em uma ética da alteridade e não apenas na obediência ao logos institucional.

A terceira necessidade, a da **independência**, manifesta-se na autonomia moral do personagem. Ao desobedecer implicitamente à autoridade do Grande Mestre, já que reconhece em Seiya um herói legítimo, Aldebaran exerce uma independência fundada em um código de honra próprio. Sua conduta não é marcada pela arbitrariedade, mas pela ética da contenção: o golpe “Grande Chifre”, sua técnica mais poderosa, exige não apenas força, mas precisão e domínio de si. Como analisa Soares (2023), essa autonomia é uma “semiótica da rebeldia contida”, em que a desobediência não configura insurgência, mas reafirma o compromisso do personagem com uma ordem superior à hierarquia vigente. Segundo Mark e Pearson (2003), essa independência é característica central do guardião maduro, que, ao exercer discernimento, não se reduz a instrumento do poder, mas assume a função de mediador ético entre o herói e a estrutura narrativa.

A quarta e última necessidade, a do **domínio**, assume em Aldebaran uma duplicidade: ele representa tanto o ápice do poder físico quanto a consciência trágica da vulnerabilidade existencial. Sua armadura, sua estatura e seu Cosmo o constituem

como símbolo máximo da potência guerreira. No entanto, sua morte no arco de Hades, ao enfrentar espectros invasores, desvela a outra face do domínio: a impermanência. Como sustenta Soares (2021b), a queda do guardião é fundamental para desconstruir a ilusão de invencibilidade e reinscrever o poder como instância sempre provisória e tensionada. O domínio, assim, não é sinônimo de controle absoluto, mas expressão de uma dialética entre força e finitude, entre presença e desaparecimento.

Aldebaran, no direcionamento acima descrito, opera como um nó narrativo e semiótico, no qual convergem signos de estabilidade (a armadura e o templo), pertencimento (a insígnia de ouro e o Santuário), independência (o gesto de poupar o adversário) e domínio (o Grande Chifre e a própria morte). Essa tessitura simbólica, conforme argumenta Soares (2023), transforma o personagem em um limiar hermenêutico, um ponto de projeção das contradições humanas entre desejo de segurança e anseio por liberdade. A narrativa de Aldebaran, portanto, não se resume à defesa de um espaço físico; ela resguarda um espaço simbólico de sentidos, no qual se negocia o lugar do sujeito na ordem narrativa e na ordem do mundo.

Ao transcender sua função dramática, Aldebaran de Touro se configura como espelho simbólico das necessidades humanas mais profundas. Sua construção arquetípica, ao incorporar os eixos estruturantes propostos por Mark e Pearson (2003) e ao ser analisada sob a lente semiótica de Soares, demonstra que a animação, longe de ser mero entretenimento, constitui-se como linguagem de alta densidade simbólica, apta a revelar as zonas de tensão entre indivíduo e sistema, entre mito e modernidade.

No contexto brasileiro pós-anos 1990, quando *Cavaleiros do Zodíaco* se tornou fenômeno cultural, Aldebaran ressoou como figura arquetípica de uma geração que, entre instituições em crise e o desejo de autonomia, via no guardião de Touro a figura de um sujeito que protege, não apenas o templo sagrado, mas o sentido profundo da própria travessia. Como observa Soares (2020), trata-se de uma linguagem que “veste o invisível da alma coletiva” e, nesse gesto, devolve ao espectador a experiência de si mesmo como enigma a ser interpretado.

Considerações finais

A análise semiótico-arquetípica do guardião Aldebaran de Touro, personagem da série *Os Cavaleiros do Zodíaco* (Kurumada, 1986), permitiu desvendar as

camadas simbólicas que transcendem sua função aparente de antagonista, revelando-o como um operador narrativo complexo. Ao articular as quatro necessidades básicas arquetípicas, estabilidade, pertencimento, independência e domínio (Mark; Pearson, 2003), com o aporte teórico-metodológico de Soares (2020, 2021a, 2021b, 2023), constatou-se que Aldebaran não é um mero obstáculo físico, mas um limiar hermenêutico que reflete contradições humanas universais. Sua armadura dourada, código de honra e postura imóvel materializam a estabilidade institucional, enquanto seu gesto de poupar Seiya expõe a independência moral, tensionando lealdade hierárquica e ética pessoal.

Na primeira seção, evidenciou-se como a semiótica das necessidades básicas estrutura sua narratividade: sua força descomunal (domínio) e morte trágica (vulnerabilidade) sintetizam o paradoxo do poder guerreiro, enquanto seu pertencimento ao Santuário revela-se negociável, não dogmático. Na segunda seção, ao integrar teorias clássicas da jornada do herói (CAMPBELL, 2007; VOGLER, 2006), compreendeu-se que Aldebaran cumpre uma função catalisadora, transformando batalhas físicas em ritos de passagem simbólicos, nos quais a superação do guardião equivale à aquisição de consciência pelos protagonistas.

Os resultados confirmam que o arquétipo do guardião, em Aldebaran, não se restringe a estereótipos, mas opera como espelho das tensões entre tradição e mudança, ordem e caos, indivíduo e sistema. Esse estudo demonstra a relevância de investigar personagens secundários em narrativas animadas, pois eles funcionam como vetores de significação cultural, especialmente em contextos como o Brasil dos anos 1990, onde a série tornou-se um fenômeno geracional. Aldebaran, ao encarnar dilemas entre autoridade e autonomia, ecoou ansiedades de uma juventude em busca de identidade em meio à globalização acelerada; prova de que a animação, nas palavras de Soares (2023), é um “dispositivo de tradução do imaginário coletivo”.

Portanto, a análise reforça que arquétipos, quando decodificados à luz da semiótica arquetípica, revelam-se ferramentas poderosas para compreender não apenas narrativas ficcionais, mas as próprias dinâmicas sociais e psicológicas que moldam nossa relação com mitos modernos. Aldebaran de Touro, em sua aparente simplicidade, é a chave para desvendar como a cultura pop, longe de ser superficial, tece os fios invisíveis que conectam heróis, guardiões e audiências em uma mesma teia de significados. Nesse horizonte interpretativo, a personagem Aldebaran de

Touro, à primeira vista um simples coadjuvante em uma saga juvenil, revela-se como instância crítica de condensação arquetípica, funcionando como chave hermenêutica para a compreensão da própria gramática simbólica da cultura de massas.

Referências

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. Tradução: Francisco Ambrosio Dlughevitch. 1. ed. Porto Alegre: Zouk, 2012.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Tradução: Adail Ubirajara Sobral. 9. ed. São Paulo: Pensamento, 2007.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. Tradução: Hélder Godinho. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Tradução: Maria Luiza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2018.

NAKAMURA, Tania. **O Japão na TV**: a animação japonesa no Brasil. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

MARK, Margaret; PEARSON, Carol S. **O Herói e o Fora-da-Lei**: como construir marcas extraordinárias usando o poder dos arquétipos. Trad. Merle Scoss. São Paulo: Cultrix, 2003.

OS CAVALEIROS DO ZODÍACO. **Criação de Masami Kurumada**. Japão: TV Asahi, 1986, son., color. Série animada exibida no Brasil pela rede Manchete em 1994.

PLATÃO, Savioli, Francisco. FIORIN, José Luiz. **Para entender o texto**: leitura e produção. 7 ed. São Paulo: Editora Ática, 1993.

SOARES. Thiago Barbosa. A semiótica do herói: a conflagração do caminho ascendente de Son Goku. **Porto das Letras**, v. 6, N° especial. 2020. p. 113-128. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/9955>. Acesso em: 24 maio. 2025.

SOARES. Thiago Barbosa. A semiótica do sábio: uma análise da constituição da jornada de Piccolo em Dragon Ball Z. **Revista Multidisciplinar de Estudos Nerds/Geek**, Rio Grande, v.3, n.5, p. 23-35, jan./jun. 2021a. Disponível em:

<https://revistaestudosnerd.wixsite.com/estudosnerd/v-3-n-5-2021>. Acesso em: 24 maio. 2025.

SOARES. Thiago Barbosa. A semiótica do amigo: uma análise da composição do companheirismo de Kuririn, em Dragon Ball Z. **Revista Tabuleiro de Letras**, v. 15, n. 01, p. 29-43, jan./jun. 2021b. Disponível em:

<https://revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/10657>. Acesso em: 24 maio. 2025.

SOARES. Thiago Barbosa. A semiótica do inocente: funcionamento do arquétipo de Son Gohan em Dragon Ball Z. **Tabuleiro de Letras**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 205–218, 2023. Disponível em:

<https://revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/16562>. Acesso em: 24 maio. 2025.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores**. Tradução: Ana Maria Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.